Carta semanal 24 (2018): Nós somos os mosquitos

Queridos amigos e amigas,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**

Em 1942, no dia 9 de Agosto, o povo indiano se levantou para derrubar o Raj britânico. A revolta é conhecida como o movimento Abandonem a Índia. Enviou uma forte mensagem aos britânicos de que o povo indiano não toleraria mais o estado colonial. Esta semana, em toda a Índia, os protestos eclodiram com a mensagem ao governo do primeiro-ministro Narendra Modi e do BJP – Governo de BJP abandone a India! Foi uma mensagem ousada, mas com uma agenda focada. As pessoas responderam ao chamado do Sindicato Campesino de Toda Índia (All Indian Kisan Sabha) e do Partido Comunista da Índia (marxista). Quatro demandas básicas estruturaram os protestos:

1. Libertação completa da dívida para os camponeses e trabalhadores rurais.

2. Garantias jurídicas para o preço mínimo de apoio para todos os produtores, a uma vez e meia o custo de produção e uma redução dos custos dos insumos.

3. Direitos fundiários imediatos aos cultivadores e a implementação da Lei dos Direitos Florestais.

4. Pensão de Rs. 5.000 por mês para todos os trabalhadores rurais, bem como para os camponeses pobres e de classe média.

A crise no campo, como documentado ao longo das últimas décadas pelo integrante do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**, P. Sainath, por exemplo, deveria fazer com que todas as pessoas fizessem uma pausa. Em um estudo recente feito por Yoshifumi Usami e Vikas Rawal, suas descobertas sobre o declínio no emprego lançam uma luz brilhante sobre essa crise. No final de seu trabalho, Usami e Rawal notam: "Com o declínio da absorção de mão-de-obra na agricultura, as trabalhadoras rurais foram abandonadas e forçadas a se retirar da força de trabalho. Por outro lado, novos jovens trabalhadores do sexo masculino, lutando por oportunidades de emprego, entraram na força de trabalho agrícola. À medida que jovens e mais educados trabalhadores rurais do sexo masculino entravam na agricultura, seus irmãos mais velhos, com níveis mais baixos de educação, foram empurrados para o setor da construção. Durante este período, a construção emergiu como o empregador de último recurso, exigindo o trabalho mais árduo e empregando trabalhadores com os níveis mais baixos de educação ". O que isso nos diz é que a situação do emprego na Índia – como em outros lugares – é desequilibrada, dependente de booms e bolhas imobiliárias, com governos inseguros de desenvolver políticas pró-povo.

A foto acima é de Agartala (Tripura). Foi tirada em 9 de agosto durante os protestos em todo o país. Ela captura a essência da luta – o povo versus o estado, que decidiu ser a barricada para a minoria do planeta (os 1% mais ricos que no ano passado concentraram 82% da riqueza gerada, enquanto os 3,7 bilhões de pessoas que compõem a metade mais pobre da humanidade não viu nenhum aumento na riqueza – de acordo com o **estudo** da Oxfam). Lutas como essa, e reticências em ver o futuro nelas, me lembram o provérbio do oeste africano – *se você acha que é pequeno demais para fazer a diferença, não passou uma noite com um mosquito.*

A guerra comercial imposta por Trump continua. Mais impasses com a China e com os vizinhos norte-americanos dos Estados Unidos. É claro que o processo de globalização não beneficiou a classe trabalhadora e campnesa. Na verdade, ocorreu o contrário. Mas essas tarifas seriam benéficas? O chefe da Conferência de Comércio e Desenvolvimento da ONU (UNCTAD), Dr. Mukhisa Kituyi, **diz** que as tarifas prejudicariam os países mais pobres do mundo. Se este é o caso ou não, deve ser analisado. Mas o Dr. Kituyi levanta um ponto importante, a saber, que um dos problemas do nosso tempo é o "unilateralismo nacionalista". O que ele quer dizer é que os Estados Unidos não está disposto a aceitar a emergência de um mundo multipolar. A reintegração de sanções pelos EUA contra o Irã (para saber mais veja minha reportagem **aqui**) é um sinal desse unilateralismo – apesar de ferozmente contestado pela China, União Européia, Rússia e Turquia. Outra é a dominação dos EUA sobre o mundo das finanças e do comércio.

A avaliação do Dr. Kituyi não é suficiente. Nós, do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**, temos pensado sobre o debate em torno das tarifas. Em nosso dossiê de agosto, falamos com o professor Prabhat Patnaik, um dos principais intelectuais marxistas do mundo. Em uma entrevista envolvente que começa com uma breve avaliação das "guerras comerciais" e leva ao potencial que isso abre para a China, Prabhat nos dá sua interpretação aguçada da situação atual. Ele oferece conselhos muito importantes para os governos de esquerda que podem se preocupar em levantar fundos para o desenvolvimento social – propositadamente para o novo governo do México. Na mesa, no que diz respeito a Prabhat, estão os controles de capital, um instrumento que governos com um compromisso com seu povo devem usar contra a liberdade do imperialismo do capital financeiro. Você pode baixar o dossiê gratuitamente **aqui**. Por favor leia, discuta e faça circular. Congratulamo-nos com os seus pensamentos sobre este dossiê.

A foto acima e as fotos do dossiê são de **Jacky Muniello**, um fotógrafo mexicano que documentou com grande sensibilidade o mundo dos migrantes.

Em uma parte da América Latina, houve uma tentativa de assassinato contra o presidente venezuelano Nicolás Maduro. Ameaças contra o governo venezuelano e Maduro vieram rapidamente e furiosamente pelo governo dos Estados Unidos, bem como pela liderança de direita na Colômbia. O ex-presidente da Colômbia, Juan Manuel Santos, disse que "esperava" que "Maduro caísse de forma pacífica". O secretário de Estado dos EUA, Mike Pompeo, quando era chefe da CIA, disse no ano passado: "Tenho que ter muito cuidado com o que digo, mas estamos muito esperançosos de que possa haver uma transição na Venezuela". Esta é uma conversa perigosa. Legitima a violência e os golpes. Maduro sobreviveu. Mas esses inimigos. Assim como os inimigos da liberdade, permanecem à solta.

No outro extremo da América Latina, na Argentina, milhões de pessoas deixaram claro que se opõem à cultura da violência – o mundo dos golpes patriarcais e do femicídio. A questão central era o direito ao aborto. No ano passado, o Chile votou para permitir que as mulheres tomem decisões informadas sobre sua saúde. Este ano, a Argentina queria se juntar às fileiras dos países que legalizaram o aborto, mas mais do que isso – que não temiam os desejos das mulheres. Infelizmente, o Senado da Argentina – em uma votação restrita – discordou. Mas só por enquanto. Nayla Pis Diez, pesquisadora do escritório de Buenos Aires do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**, mostrou que o foco deve estar no slogan do movimento *Ya Ganamos* -Nós já ganhamos. O tempo mudou. Os jovens não aceitam o desagradável patriarcado, assim como eles têm menos fidelidade aos militares e ao mundo dos golpes de estado. Você pode ler nossa reportagem **aqui**. É uma homenagem à nossa tribo de mosquitos.

Na semana passada, mencionei os protestos em Dhaka (Bangladesh) liderados por crianças em idade escolar que estavam zangadas com acidentes de trânsito. O célebre fotógrafo Shahidul Alam estava cobrindo os protestos – tirando fotos das multidões e mostrando o que estava acontecendo via Facebook Live. Shahidul é o fundador da Pathshala, cujos alunos forneceram as fotografias para o nosso segundo dossiê em ***Cidades Sem Água***. Os relatórios de Shahidul nas ruas eram nítidos e confiáveis. Não admira que a al-Jazeera o tenha convidado para falar sobre os acontecimentos nas ruas de sua cidade. Naquela noite, cerca de trinta e cinco policiais chegaram a sua casa e o prenderam. Shahidul permanece sob custódia. Eu escrevi uma reportagem inicial sobre sua prisão em *The Hindu*, que você pode encontrar **aqui**. Agora, Arundhati Roy, Eve Ensler, Naomi Klein, Noam Chomsky e eu pedimos ao governo de Bangladesh que liberte Shahidul (você pode ler nossa carta **aqui**). Milhares de artistas e escritores de todo o mundo participaram da luta pela libertação de Shahidul. Há nuvens muito escuras sobre o Bangladesh.

Se você acha que é pequeno demais para fazer a diferença, não passou uma noite com um mosquito. Essa frase esteve em minha cabeça a semana toda. Entretando, mosquistos também podem ser esmagados.

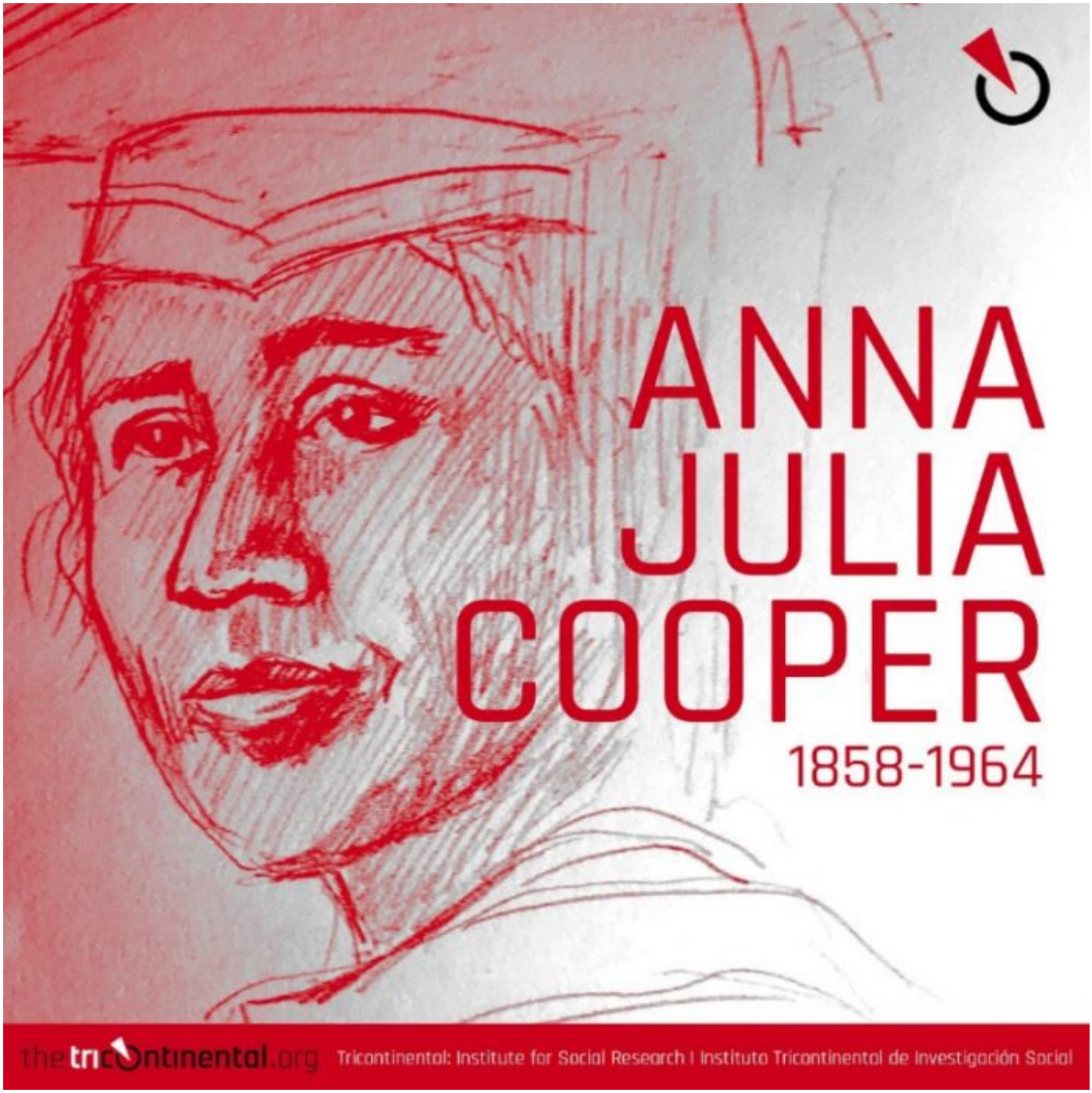
As forças sauditas e dos emirados bombardearam um ônibus escolar no Iêmen. Pelo menos vinte e nove crianças – todas com menos de 15 anos – morreram imediatamente no bombardeio (48 outras estão feridas). Uma **declaração** muito forte veio de Henrietta Fore, chefe da UNICEF – "Os ataques às crianças são absolutamente inaceitáveis. Estou horrorizado com o ataque aéreo reportado a crianças inocentes, algumas com mochilas da UNICEF. Já é suficiente". Mas isso não é suficiente para os traficantes de armas, que continuarão – com as bênçãos dos governos ocidentais – a re-armar a Arábia Saudita e os Emirados Árabes. O extermínio, à vista de todos, está em andamento no Iêmen

Nossa imagem do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social** da semana (veja abaixo) é de Anna Julia Cooper (1858-1964), uma feminista e abolicionista que lutou dentro dos Estados Unidos por justiça do mais amplo tipo. *"Deixe a reivindicação das mulheres ser tão ampla no concreto quanto no abstrato. Tomamos nossa posição sobre a solidariedade da humanidade, a unicidade da vida e a falta de naturalidade e injustiça de todo favoritismo especial, seja de sexo, raça, país ou condição "*. Ela parece estar pensando na Argentina e Bangladesh, na Índia e no Iêmen – de todas as pessoas que agem em solidariedade.

Cordialmente,

Vijay.

PS: Você pode encontrar as cartas semanais anteriores em nosso**website** bem como nossos dossiês, documentos de trabalho e outros materais. Se você ostaria de receber as cartas semanais em francês, português ou espanhol, avise-nos. Para subscrever as cartas semanais, visite nosso site. Para subscrever nosso boletim, envie email para **andre@thetricontinental.org**


ANNA
JULIA
COOPER
1858-1964
thetricontinental.org Tricontinental: Institute for Social Research | Instituto Tricontinental de Investigación Social